

## FONTES HISTÓRICAS E A PRODUÇÃO DE UM SABER ETOPOÉTICO

**Thuca kércia Morais de Lima**

Universidade Estadual da Paraíba  
thucak1@hotmail.com

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Auricélia Lopes Pereira**

Universidade Estadual da Paraíba  
auricelialpereira@yahoo.com.br

Este texto tem como finalidade discutir a utilização de fontes históricas na produção de diferenças, a partir do exercício da educação, no *êthos* do sujeito, ou seja, na sua maneira de ser, na forma como conduz sua existência. Temos como base as experiências do programa de extensão “Subjetividade, Adolescência e Ética” desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora, na cidade de Seridó – PB, realizado em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual da Paraíba (PROEAC/UEPB). Além de fontes como músicas, filmes, etc. procuramos ter, como pressuposto de nossas práticas, textos da filosofia helenística. Nesse sentido, as fontes servem não ao passado, pois não objetiva resgatá-lo, mas sim ao presente, pois visa, principalmente, à produção de subjetividade na vida do indivíduo, bem como à modificação da sua relação com os afetos, com os desejos, tornando possível a construção de uma nova ética de si. No desenvolver de nossas atividades, procuramos proporcionar aos jovens atendidos a construção de um saber que possa ir além da apreensão dos conteúdos disciplinares impostos pela Instituição de Ensino. O que propomos é o alargamento do saber *etopoético*, aquele saber que serve à vida, que pode ser usado na luta contra os problemas que abalam a estabilidade do sujeito. Segundo Foucault (2004), quando o conhecimento tem uma forma, quando funciona de tal maneira que é chamado a produzir o *êthos*, então ele é útil. Procuramos fazer uma abordagem a cerca da possibilidade de fazer com que o uso dessas fontes atue no processo de desconstrução do ser, na modificação de suas práticas, onde o objetivo emergente é tornar viável ao sujeito o desenvolvimento de novas formas de conduzir sua existência.

Palavras- Chave: Fontes históricas. Subjetividade. Saber *Etopoético*.

Seria possível utilizar fontes históricas no processo de produção de diferenças na maneira de ser do sujeito? Esta pesquisa objetiva mostrar como determinadas fontes podem, dentro do exercício educacional, contribuir para que haja mudanças significativas na forma como as pessoas conduzem sua existência. Desse modo, é necessário olhar para tais recursos e não pensar no seu uso exclusivamente didático, mas numa perspectiva de produtores de subjetividade, que venham a interferir diretamente na formação do *êthos* do sujeito.

As atividades do Programa de Extensão “Subjetividade, Adolescência e Ética” da Universidade Estadual da Paraíba, realizados semanalmente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora na cidade de Seridó, no Curimataú Paraibano, são provas de que as mais variadas fontes, já presentes no currículo escolar, usadas prática e teoricamente em sala de aula integram-se à produção novos olhares perante a vida. Em nossos encontros utilizamos documentos como, por exemplo, músicas, filmes e textos que possam oferecer aqueles jovens atendidos novos pressupostos, sobretudo filosóficos, que sejam importantes para suas transformações enquanto seres passíveis de mudança. Para Deleuze, leitor de Spinoza, (1991) somos constituídos a partir do encontro que estabelecemos com os dados que a vida traz. Somos transformados na medida em que tais componentes de subjetivação atravessam nossas vidas imprimindo suas marcas.

Interessa-nos desta forma, a aquisição de um saber útil à vida que se torne agente motivador de um movimento de construção e desconstrução do *êthos*, nos detemos à concepção de alguns filósofos gregos que nos permite entender o *êthos* como o modo de existência do indivíduo; as formas pelas quais a pessoa determina suas ações; a visão que tem de si e do mundo bem como a forma que se relaciona com estes; as escolhas que realiza durante sua trajetória existencial e tantos outros fatores que dizem respeito à vida humana.

O saber que carrega com si elementos favoráveis ao construir e ao modificar do *êthos*, que induz o sujeito a pensar de outras formas sua prática de viver, é o saber, que ficou conhecido pela filosofia helenística como *etopoético*. Quando o conhecimento tem uma forma, quando funciona de tal maneira que é chamado a produzir o *êthos*, então ele é útil (FOUCAULT, 2004). Buscamos, pois, nas experiências vividas e nos

ensinamentos adquiridos ao longo da vida de cada um tornar possível a formação desse saber útil que é responsável por dotar o sujeito de capacidades que serão fundamentais nas suas vivências cotidianas. Visto que, a todo tempo, somos postos em situações das quais é necessário discernimentos diversos para poder enfrentá-las e obter êxito.

Em nossas atividades extensionistas, determinamos para uso em sala de aula fontes que outrora podem ser utilizadas como recursos didáticos, mas que para nós são consideradas maquinarias de subjetivação. A partir do momento em que canalizamos aquele determinado conteúdo para o exercício de reflexão a cerca da formação do ser, que implica tanto construir como desconstruir através de ações que visem mudar atitudes, ressignificar conceitos, reelaborar valores.

Os debates feitos em torno do material apresentado nos encontros facilitam a apreensão do que foi exposto e geralmente vem seguido de uma contextualização com dados existentes na vida dos adolescentes, como violência, drogas, sexualidade na adolescência, preconceitos, relações de afeto, escolha profissional, entre outros. Assim, as fontes selecionadas e aplicadas em nossas discussões deixam de ser elementos relacionados apenas à formação escolar da pessoa e passam a constituir paradigmas fundamentais à sua formação ética.

Pensar o uso da música em nossos encontros perante esse sentido de produção do saber *etopoético*, nos remete não a uma análise rígida da composição destacando seus elementos, prática essencial no processo de ensino-aprendizagem, mas o que propomos é que ao ouvir, meditar e discutir a música ela possa tornar-se importante instrumento no processo de subjetivação. Tendo em vista que a música tem como uma de suas intenções, atingir o sujeito na sua totalidade, afetando suas emoções. Para Stefani (1987), a música ouvida pode e deve fazer com que as pessoas sintam algo diferente, se ela proporciona sentimentos, permite-se dizer que estes são experiências da vida que constituem um fator de inestimável importância na formação do êthos da pessoa.

Procuramos fazer com que as canções selecionadas para compor nossos encontros sejam compostas de conteúdos que contribuam para o exercício de autotransformação, que ocorre na medida em que o sujeito estabelece uma relação de domínio de si sobre si, ou seja, por meio de uma prática que a ficou conhecida pela filosofia grega como *enkrateia*, uma dobra de força capaz de dobrar a vida e a si

mesmo, e que está situada no eixo da luta e da resistência, segundo Foucault (1984). A *enkrateia* compreende vencer as próprias paixões, estar firme diante das adversidades, resistir a tentação, livrar-se de vícios que colocam em risco a estabilidade do ser humano.

Semelhante a forma como usamos a música em nossas ações enquanto projeto de extensão, utilizamos também a linguagem cinematográfica. Acreditamos que os filmes definidos como lugares de produção e afirmação de sentido, são úteis no cultivo de valores e atitudes, além de possibilitarem o entendimento da realidade, através de simulações da vida real, que fornece a visualização de fatores inerentes ao cotidiano do espectador. Feita a análise prévia da obra a ser trabalhada, procuramos mostrar a turma filmes que vinculem valores que conduzam a pessoa a questionar suas práticas em setores importantes de sua vida, buscando assim uma transformação, mesmo que parcial das práticas freqüentes na vida do sujeito.

A leitura da obra trabalhada pelo grupo pode e deve estimular uma releitura da vida, sendo obrigatório fazer uma discussão posterior com o intuito de verificar se o filme produziu ou não algum tipo de encontro com o público-alvo. Tendo em vista que nosso trabalho objetiva principalmente o alargamento do saber *etopoético*, é preciso que os conceitos apresentados no decorrer da trama estejam aliados a bases filosóficas que ajudem o indivíduo no âmbito pessoal e coletivo a desenvolver seu raciocínio, sua postura crítica e conseqüentemente seu pensamento autônomo.

Freqüentemente, usamos em nossos encontros com os jovens atendidos pelo projeto de extensão, textos filosóficos, de autores desde a filosofia helenística, como por exemplo, as “Cartas de Sêneca a Lucílio” até os mais contemporâneos. Não administramos tais fontes em sala de aula interessados apenas nas suas dimensões históricas, como requer o currículo escolar, o que procuramos fazer é mais que isso, seria então, tirar proveito daquilo que a filosofia tem de útil a formação do saber *etopoético* e propor que os jovens apliquem tais ensinamentos à sua vida.

Segundo Chauí (2008), julgamos se algo é útil ou não pelo resultado visível das coisas e das ações que este desencadeia, para tanto a mesma autora aponta-nos caminhos para que haja novas possibilidades de se entender a utilidade, sobretudo dos saberes filosóficos. Um deles seria, na perspectiva de se ter uma vida melhor, por exemplo, o que assegura Kant ao dizer que a filosofia é o conhecimento que se adquire

pra si, para que se saiba o que pode conhecer, o que pode fazer e o que pode esperar, tendo como finalidade a felicidade humana.

A reflexão filosófica contribui ainda para tentarmos compreender o que se passa em cada um de nós, no que diz respeito a nossa realidade interior; bem como nas relações que mantemos com o mundo a nossa volta e também para que possamos pensar melhor as ações que realizamos. Mais do que comprovadamente a filosofia é de grande importância dentro de nossas atividades, por nos fornecer componentes que orientam na arte do viver bem. Ferry (2007) diz que a há na filosofia, indicativos para que se possa vencer os medos que paralisam a vida, superar a banalidade cotidiana, o tédio, o tempo que passa, os atropelos existentes na relação com os afetos e desejos, almejando assim aprender a viver de uma forma diferente. Dessa maneira trabalhamos com a construção de uma nova ética que objetiva tornar o indivíduo um ser bem sucedido no mundo no qual está inserido.

É possível sim que se faça das fontes, consideradas históricas, instrumentos para a produção de diferenças na vida das pessoas, mediando dentro dos processos educativos a distinção entre o saber que apenas importará pra a formação escolar e posteriormente profissional, do saber que será imprescindível à caminhada diária que todos fazem em busca de um ideal maior, que para muitos seria a felicidade ou conquista de alguma meta, mas também na superação de problemas que vão surgindo ao longo do caminho, como o medo, a insegurança, as fragilidades perante os desafios, as decepções, as perdas, a desmotivação.

O saber *etopoético* não está necessariamente atrelado as práticas educacionais da sociedade vigente, por isso é de extrema importância pensar na sua implantação dentro das Instituições de Ensino, visto que elas são responsáveis por boa parte da formação do sujeito, que desde muito cedo aprende que é preciso que freqüente a escola para que de adquira um futuro mais próspero. Porém, as mesmas instituições formadoras pouco se preocupam em preparar os jovens para enfrentar os desafios que fazem parte do seu presente, que põe suas vidas cotidianamente em situações de risco.

O projeto de extensão “Subjetividade, Adolescência e Ética” visa uma promoção dessas fontes (música, filme e vídeo) à condição de maquinarias de transformação de vidas. Num momento em que estão consolidadas como um recurso pedagógico que facilitam a aprendizagem, e ainda podem atuar como excelentes ilustrações de

conteúdos. O ideal é que mostremos, ainda dentro dos processos educativos, que se pode ir muito mais além, fazendo uso desses mesmos recursos, porém com finalidades distintas, que para nós seria proporcionar ao jovem a aquisição e a expansão do que chamamos de “arquivo espiritual” que é constituído de referências, conceitos e idéias provenientes ao saber *etopoético*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o barroco*. – Campinas; SP: Papyrus, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade* (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- STEFANI, Gino. *Para entender a música*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- FERRY, Luc. *Aprender a Viver – Filosofia Para os Novos Tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.